

Artesanato movimentando a cadeia produtiva do turismo em todas as regiões do estado

Ter 13 junho

A diversidade de matéria-prima e a criatividade do povo mineiro colocam Minas Gerais em posição de destaque quando o assunto é artesanato. Seja pela localização central, seja pelas diferentes culturas e influências, o fato é que os produtos, atrativos e surpresas do estado têm, hoje, reconhecimento nacional e internacional. Às vésperas do feriado de Corpus Christi, com considerável fluxo de turistas no estado, a Agência Minas destaca mais essa riqueza mineira.

Se no Amapá o couro sintético é a referência, assim como as biojoias no Amazonas, a cerâmica Marajoara, no Pará, e os vidros de areia, no Ceará, em Minas Gerais, no entanto, não há apenas um produto como carro-chefe. Ao contrário, o artesanato no estado chama a atenção pela pluralidade, justamente por vir de diferentes frentes, como a cerâmica, tecelagem, entalhes madeira, pedras, rendas, painéis, arte sacra, reciclados e resíduos reaproveitados da indústria, couro e pele.

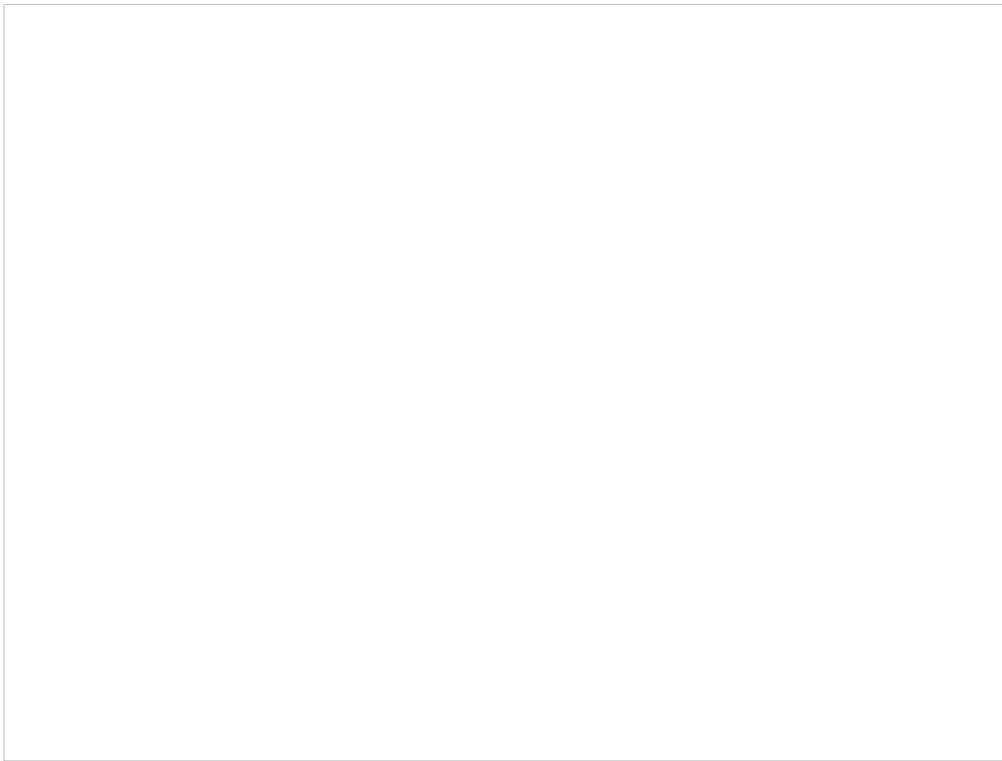
“Minas Gerais se destaca diante das riquezas de opções de produtos feitos por artesãos. Com isso, os produtores podem vender sua arte movimentando a cadeia produtiva do turismo e desenvolver economicamente a região, por meio da comercialização de produtos exclusivos”, sinaliza o secretário de Estado de [Turismo](#), Ricardo Faria.

“Além disso, os turistas podem levar um pedacinho de Minas Gerais para eternizar sua passagem em solo mineiro. Seja uma lembrança ou um presente, o artesanato mineiro está gerando muitos frutos para as regiões e, conseqüentemente para o nosso turismo”, conclui o secretário.

Diversidade regional

Turistas que visitam as terras mineiras podem ver de perto e experienciar, em variados pontos de Minas, os frutos das tradições familiares, técnicas e toda a singularidade do artesanato local. São trabalhos como, por exemplo, o de Vinícius Rosa Filho, de Tiradentes, no Território Vertentes, artesão que, hoje, desenvolve, junto à esposa, diversos produtos com traços regionais por meio da [Produção Nacional](#) - um ateliê “100% tiradentino” que combina arte e ideias, sem perder de vista o cuidado com o meio ambiente.

“No ateliê, trabalhamos com madeiras de demolição, latas e materiais reaproveitados. Transformamos portas velhas, por exemplo, em tampos de mesa, realizamos pinturas sobre latas de ferro velho”, exemplifica o artesão. “Os produtos são feitos artesanalmente mesmo, com escolha criteriosa dos materiais e muita revisão de acabamento antes de levar aos clientes peças como pinturas barrocas, santos, elementos tropicais (flora e fauna) e produtos relacionados com as cores e a identidade da região”, reforça. “Importante é que a arte esteja boa em todos os sentidos: é sentir a peça (tato, visão, etc.), não apenas passar no maquinário”, complementa.



*Alguns dos produtos em destaque na página oficial do ateliê (Imagens: Reprodução do site da Produção Nacional /
Montagem: Agência Minas Gerais)*

Na família, a arte em madeira começou com o avô José Balbino Rios, um dos principais marceneiros e restauradores da cidade histórica. Na infância, Vinícius passava boa parte do tempo brincando com as sobras de madeira da serra de fita, tintas e pincéis do ateliê na loja do tio Fernando Rosa. Com o tempo, aprendeu a fazer reproduções renascentistas e releituras do barroco mineiro e continuou a desenvolver a habilidade. Hoje, aos 36 anos, Vinícius soma 21 deles dedicados ao artesanato e 18 à criação de seu próprio ateliê, fonte de renda da família em Tiradentes.

Com o diferencial ecológico da produção, que transforma peças sem prejudicar o meio ambiente, a Produção Nacional também está de olho nas novas gerações.

“Temos como preocupação, no ateliê, em sempre divulgar o que fazemos. Começamos com alguns parentes uma ação para trazer crianças para brincar na oficina, para terem contato com essa realidade, aprender a fazer e ver como tudo é feito”, explica. “Os jovens de hoje estão muito virtuais, acostumados a tudo pronto. Começamos com os parentes e familiares, para pegar experiência, e queremos fazer oficinas para crianças para mostrar e incentivar o contato com o artesanato”, completa.

A divulgação dos produtos do ateliê de Tiradentes ocorre, muito, por conta de convites para feiras, apresentação para novos clientes. O Sebrae é lembrado pelo artesão por sempre para eventos e realizar cursos, assim como o [Governo de Minas Gerais](#), que convida para feiras e exposições. Como Vinícius, há diversos artesãos na região de Tiradentes que combinam a cultura local aos produtos que mantêm viva a tradição e as riquezas do Campo das Vertentes.

Fibra e alumínio

Por trás de cada produto, há uma história, que pode vir da tradição familiar, de um sonho pessoal ou mesmo de uma oportunidade vista numa matéria-prima que acabaria descartada. É o caso, por exemplo, da [Cooperativa Mariense de Artesanato - Projeto Gente de Fibra](#), em Maria da Fé, no Território Sul. Lá, a artesã Rosilene Cruz e outras profissionais dão vida a tapetes, cortinas, cordas, rendas, embalagens, jogos americanos e outros produtos, a partir da carcaça de bananeira - que era abandonada após a colheita -, e também do papelão reaproveitado.



Uma amostra do que é produzido na cooperativa, no Sul do estado (Imagens: Reprodução do site do Projeto Gente de Fibra / Montagem: Agência Minas Gerais)

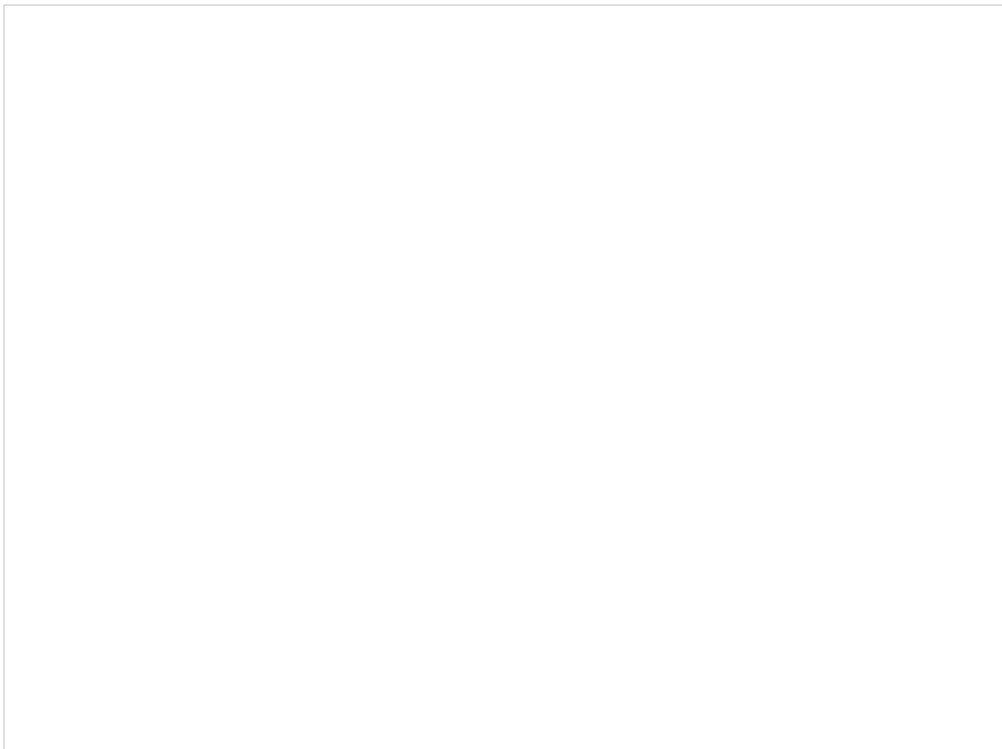
“Quando o trabalho começou, há 18 anos, utilizávamos jornal. Depois, trocamos pelo papelão, pois percebemos que a fibra da carcaça da bananeira combinava melhor com a cor desse material, que a fibra da bananeira aparecia mais no produto final”, explica Rosilene, que está desde o início do projeto. “Nosso diferencial está no produto totalmente ecológico feito a partir da nossa matéria-prima, que é o papelão reutilizado (que seria jogado fora) e o tronco da bananeira, que acabaria apodrecido na terra, sem utilização”, observa.

Para a pintura, em boa parte da produção a cooperativa recorre a pigmentos de terra, como o ocre e o marfim. “Cozinhamos o tronco da bananeira verde e, daí, tiramos a fibra dourada, que é utilizada na peça. Além disso, também utilizamos uma palha seca do tronco que serve para fazer os fios – cordinhas – para dar acabamento. Hoje, todo mundo que trabalha no Gente de Fibra vive com a renda dos produtos do artesanato”, enfatiza Rosilene.

Do Sul de Minas, o visitante pode partir para o Território Mata, mais precisamente ao município de Juiz de Fora, naquela que é considerada a zona metalúrgica do estado. É justamente lá, numa das maiores cidades mineiras, que se encontra um artesanato mais contemporâneo, muito em função das tradições locais, de uma região ligada à indústria e ao reaproveitamento de resíduos e materiais.

O casal de empreendedores, Francisco (Chico) de Paula e Myriam Loureiro, por exemplo, se uniu, em 2010, para uma nova proposta. Ele, com a experiência de Desenho Industrial, design autodidata e de criação de produtos em madeira; ela, com a habilidade e a criatividade da Comunicação Social para ajudar com novas ideias para as criações e fortalecer os serviços em artes gráficas. Em parceria, eles queriam desenvolver, entre outros produtos e serviços, objetos de utilidade, buscando sempre soluções com design, com um toque minimalista.

Tendo o alumínio como única matéria-prima (chapa e perfil – barras, hastes do metal), Chico chegou a um design original projetado com precisão geométrica, batizado de Linha Dobra. Para avançar no desenvolvimento e criação de produtos, juntos, eles formalizaram a [LoureiroPaulaDesign - Oficina Artesanal de Objetos Multifuncionais](#). E é por meio dela que Chico e Myriam comercializam, desde então, objetos e produtos com várias possibilidades de uso para casa e escritório, que cultivam o conceito da sustentabilidade e a proposta de trazer o máximo de vida útil, com o mínimo de insumos.



Produtos criados a partir do alumínio se destacam pela originalidade e formatos (Imagens: Reprodução do site da LoureiroPaulaDesign / Montagem: Agência Minas Gerais)

“O alumínio é muito versátil, tanto as barras como as chapas. Ele é maleável e permite ser dobrado em calandras manuais. Assim foram desenvolvidas, na oficina (que sempre existiu em nossa casa), as calandras para os diversos ângulos de dobraduras”, explica o artesão. “Nosso produto é resultado da indústria do alumínio e da simplicidade encontrada em se obter com as mãos um objeto útil. O design traz corpo e alma ao produto. O destaque é a forma final que enche os olhos. O diferencial é imediato. A Linha Dobra é a cara do amanhã, se afina com o futuro e com a urgência de ser sustentável hoje”, destaca Myriam.

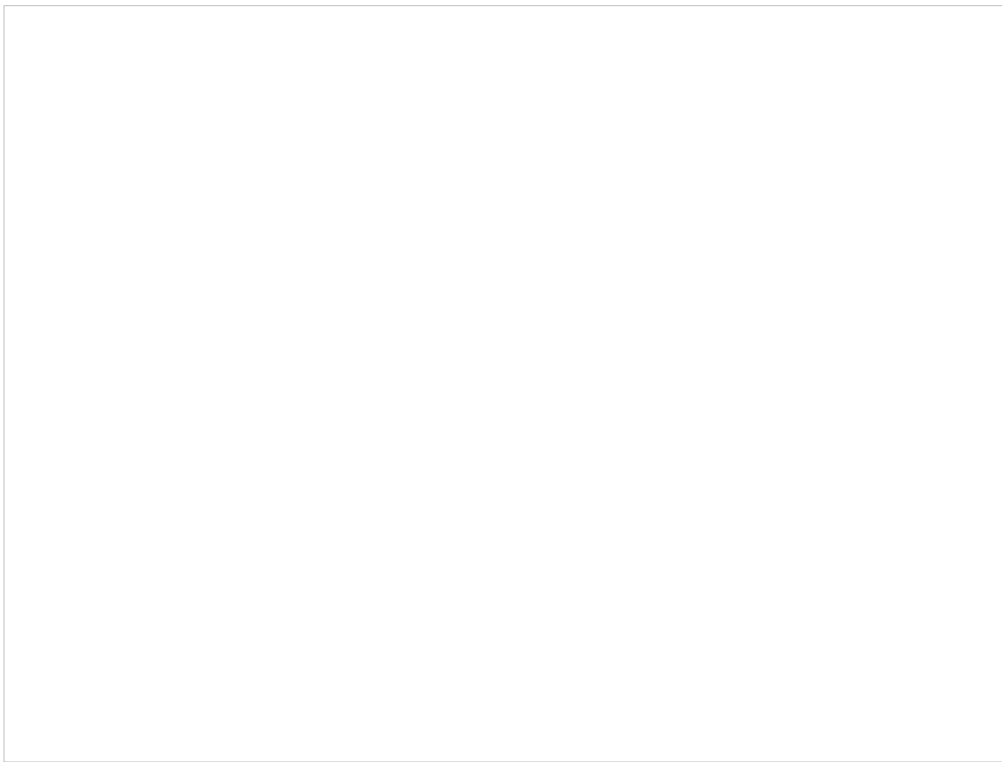
Para a sobrevivência do projeto, eles contam com o apoio da Central Mãos de Minas, Instituto Centro de Capacitação e Apoio ao Empreendedor (Centro Cape), Associação Brasileira de Exportação de Artesanato (Abexa), Agência Brasileira de Promoção de Exportações e

Investimentos (Apex) e do Sebrae.

“O estímulo que vem destas instituições faz toda a diferença”, revela o casal, que também participou, com o suporte dessas instituições, de feiras e eventos dedicados à divulgação do artesanato em Belo Horizonte, São Lourenço e São Paulo. “Percebemos, no entanto, que o público destas feiras procura o artesanato, digamos, com matérias-primas mais orgânicas, o artesanato tradicional. Por enquanto, o que mantém a oficina são os serviços de sinalização corporativa”, revela Myriam.

Tecendo a arte

Técnicas consagradas pelo tempo também inspiram o artesanato no Território Sudoeste, região onde há mais de 100 unidades produtivas dedicadas à arte de tecer e tingir fios de fibras. Minas Gerais, inclusive, segundo registro da [Secretaria de Estado de Turismo \(Setur\)](#), foi a região brasileira que mais absorveu a arte de tecer manualmente e com características originais, mesmo conservando a prática trazida pelos colonizadores portugueses.



Fios e tecidos criados a partir de fibras naturais, com destaque para a identidade local (Imagens: Reprodução do site da Tecelagem WS / Montagem: Agência Minas Gerais)

A tecelagem, cada vez mais inserida conceitualmente na manifestação da arte popular contemporânea, mantém seu caráter interativo com as linguagens artísticas, com expressividade e regionalidade. A [Tecelagem WS](#), por exemplo, em Carmo do Rio Claro, foi fundada em 1989 pelo casal Wellington e Silvani (Vaninha), com o objetivo de produzir tecidos artesanais, a partir de diferentes fibras naturais (linho, seda, algodão, viscose).

Desde o falecimento de Vaninha, em 2001, o marido e os filhos dão continuidade ao trabalho iniciado pela artesã, como conta a filha e sócia-proprietária, Bruna Pereira. "O nosso diferencial é a exclusividade do manual, alinhada com o design contemporâneo", caracteriza Bruna. Inclusive, a

Tecelagem WS foi premiada, em 2011, na *XII House & gift de Design*, por ter desenvolvido um tecido artesanal para decoração que reaproveita fitas VHS (*veja o produto vencedor na galeria de fotos*).

"A base de nossa tecelagem foi trazida pelos portugueses. Porém, com o tempo, os moradores começaram a criar novas padronagens e texturas que remetiam à nossa região e ao estilo de vida do interior. Algumas padronagens, inclusive, possuem até o nome do artesão que a desenvolveu", finaliza a sócia-proprietária.

